

# Uma Visão da Meta-taxonomia Pabstina.

Antonio Ventura Pinto

**G**ostar de orquídeas não é fruto do acaso.

É uma sina que já vem do berço, um fadário de paixões e êxtase escritos nas estrelas. Uma herança genética incrustada na alma dos orquidófilos. Seja lá quem a escreveu, nunca mais se pode fugir ao papel da personagem. No baile de mascaradas das quimeras, o meu primeiro encontro com as orquídeas deu-se de uma forma um tanto fora do habitual, até inusitado de todo. Normalmente, na fase aguda, os primeiros contatos de um neófito com orquídeas acontecem em exposições ou em coleções de amigos. Às vezes, raras, um presente de grego de um amigo da onça. Na fase crônico terminal, vítima do vício implacavelmente instalado, recorre-se à mãe natureza, onde procura saciar a dependência adquirida. Neste grau da enfermidade, nem a psiquiatria ou a psicologia, mesmo juntas, não conseguem desvendar os mistérios porque passam os sub-inconscientes dos orquidoloucos. A cura vem, inexoravelmente, com a morte do viciado.

No meu caso, não menos cruel, o meu primeiro encontro físico com as orquídeas deu-se em um herbário, onde, ao invés de plantas vivas, vi-as jazidas mortas e preservadas à secura. Na forma de peças anatômicas já dessecadas e aromatizadas por bolinhas de naftalina.

De modo um tanto lúgubre, até a disposição delas neste local em mui-



to lembra fileiras de catacumbas em um cemitério de saudades infundas. Um espólio organizado de acordo com uma lógica fria da taxonomia vegetal. Este meu encontro um tanto dessemelhante, sem dúvidas, foi uma (in) feliz obra do destino.

Na contramão dos acontecimentos, Nesta primeira visita inopinada tive a aventura de conhecer o orquidologista Guido Pabst, que na ocasião eu não conhecia nem mesmo por nome, muito menos o imaginava como co-autor de uma das mais organizadas obras taxonômico sobre orquídeas, *Orchidaceae Brasilienses*, em dois primorosos volumes. Fadado pelo destino, além de orquídeas mortas e descoloradas, também tive o privilégio de primeiro conhecer o inventor antes da invenção. Menos mal!

Na época, verão de 1976, o Herbário Bradeano se localizava na entrada lateral do jardim botânico, num pequeno prédio baixo e comprido.

O Herbário ocupava a parte da frente deste prédio, cuja entrada, resguardada por dois coqueiros guardiães testemunhas, sempre estava aberta nos dias de trabalho, conforme mais tarde pude constatar em futuras vistas. Este prédio fica localizado ao lado do poço das tartaruguinhas, mas hoje reservado à exposições artísticas e culturais.

Na ocasião, estava eu andando por lá, depois de consultar algumas revistas na biblioteca do instituto de química agrícola do Rio de Janeiro, situada num prédio lateralmente contíguo ao do herbário, ambos bem na estrada lateral do jardim botânico.

Após a consulta na biblioteca, resolvi passear dentro do jardim botânico, mas acabei dando-me à porta do herbário, traído pelo prédio que muito lembra uma romântica casa rural antiga. Ao me aproximar, percebi que no interior havia um senhor manipulando plantas, cortando-as e arrumando-as sobre placas de madeira. À porta, notando a minha hesitação em entrar, este senhor gentilmente me convidou a entrar, um convite muito simpático e acolhedor.

Na ocasião, orquídeas nada representavam para mim, apenas significavam ao longe um nome excêntrico cuja pronuncia trazia à mente um quê de coisas exóticas e raras. Este sentimento, um tanto mitificado, dominava até então a minha mente sobre estas plantas. Na ocasião não sabia coisa com coisa sobre orquídeas, e creio que até hoje ainda continuo no limbo da marginalidade botânica. Aceitei o convite, sem saber que estava adentrando no maior herbário particular especializado em orquídeas brasileiras. Na ocasião, muito menos imaginaria que acabara de conhecer um dos gran-

des mestres da orquidologia mundial, o senhor Guido Pabst. Bem comparando, é como conhecer o Miguelangelo antes da Monalisa!

Muito atencioso e educado por excelência, parou o que estava fazendo para me atender. Explicou-me (perguntei o que fazia!) em que trabalhava no momento (exsicata), o significado de muitas caixas enfileiradas no local (tipos arquivados) e mostrou uma estante de livros, que na época foi o que mais despertou a minha curiosidade de bibliomaníaco compulsivo.

Após ouvir a gratuita e despreziosa preleção sobre herbário e orquídeas, disse-lhe que nunca tinha imaginado a existência tantas orquídeas no Brasil, plantas que só então conhecia por ouvir falar. Creio que exaltei a minha surpresa diante da existência de tantos livros e revistas sobre uma coisa insuspeitada ao meu dia-a-dia.

Ledo engano, disse-me, com um certo ar de convicção monástica. Em tom catequizador completou: o que vês é apenas uma amostragem do que hoje se publica sobre orquídeas pelo mundo!

Fiquei fascinado pela elegância do modo como explicava, das frases curtas e objetivas, persuasivas e convincentes. O Pabst tinha mais charme e simpatia que as orquídeas com que trabalhava.

Hoje vejo, pelo distanciamento do tempo após alguns anos de convivência, o quanto este senhor tinha de humildade despreziosa em ajudar a todos que o procuravam na busca de



*Pabstiella mirabilis.*

conhecimentos sobre orquídeas. Uma sabedoria que encantava por excelência.

Sem dúvidas, Deus poupou-o do sentimento de soberba, mesmo em se tratando de uma pessoa de grande talento, de reconhecida fama mundial.

Parando de fazer o que vinha manipulando, em atenção a um estranho, se dispôs não só em mostrar as caixinhas das plantas herborizadas, como ainda me ministrou a minha primeira aula sobre orquídeas. E, quando manifestei interesse em vê-las cultivadas, me indicou a sede da SBO, no centro da cidade, onde era possível de se travar contato com pessoas e plantas deste grupo da botânica. Ainda mostrou como fazer uma exsicata e apontou um livro sobre a mesa, um catálogo das plantas registradas. Também assinalou para um fichário com centenas de fichas contendo alguns desenhos de perfis de flores ou flores secas prensadas, além de anotação sobre elas, que podia funcionar como uma impressão vegetal para a comparação e identificação de plantas recém coletadas.

Mais tarde verifiquei que a grande solicitude do Pabst para com orquidófilos sempre obedecia a este padrão de civilidade, sem restrições pessoais de nenhuma ordem.

Após este encontro, era um sábado, voltei para casa comovido por tanta educação e destreza para comigo. Sai de lá com um forte interesse por tais plantas. Porém, mau aluno, este sentimento à orquidofilia foi aos poucos se desfazendo com o passar



*Pabstia viridis.*

Foto e cultivo R. Mesquita

dos dias.

Dominado pela megera ingratidão, já não mais me lembrava das orquídeas, muito menos da SOB meses depois.

Não sei bem a data de tal encontro, mas foi nas férias de verão no início de 1976.

A roda do destino, neste mesmo ano, fez-me retornar às orquídeas, numa peripécia forjada pelo acaso. Tinha ido a uma livraria de obras jurídica, situada ao lado do Menezes Cortes, onde procurava um dicionário de latim, quando então me voltei para uma curiosidade mostrada na vitrine externa do estabelecimento, dois livros coloridos, um tanto grandes e grossos. Eram os dois volumes da obra do Pabst & Dungs, *Orchidaceae Brasilienses*, um fechado com uma linda estampa na capa (*Uma Coreanthes*), que parecia uma planta, e o outro aberto ao lado, mostrava minúsculas pinturas de orquídeas. Lembrei-me do encontro meses antes no jardim botânico, e pedi ao vendedor para olhá-los. Eram os dois únicos livros da livraria sobre o assunto. O título, que eu não sabia bem do que se tratava na ocasião, entretanto me remetia à lembrança do herbário e do senhor que eu tinha travado contacto anteriormente.

Ao folheá-los, fiquei fascinado pela beleza do conteúdo, a fácil leitura de alguns parágrafos (em português), e da editoração em colunas, em três línguas. Até então, nunca tinha visto livro deste tipo em minha tão curta vida. Muito menos sabia quem eram os autores. Naquele momento, um complexo de culpa dominou-me

por inteiro, pois tinha quase prometido ao amável senhor que me atendeu no herbário a minha intenção futura de me dedicar às orquídeas e conhecer à SOB. Talvez para me redimir, comprei os dois volumes, sem muita convicção para que estava levando-os para casa.

Mal sabia que aquele senhor do herbário era um dos co-autores desta obra, fato que me passou despercebido na ocasião. Anos depois, em 1980, uma semana antes de o Pabst falecer, tive a coragem de pedir a ele um autografo em um dos volumes, sendo gentilmente por ele atendido. Neste dia, na praia de Itacoatiara, disse-me que o grande mérito da publicação desta obra deve-se ao outro co-autor, Dungs, que muito se dedicou na editoração e publicação junto aos editores na Alemanha. Ponderou que sem esta prestimosa dedicação a obra não teria saído ao público, disse-me na ocasião. Também fez elogios ao artista Samuel Salvado, que muito contribuiu com aquarelas, flores que reproduzia de fotos ou ao vivo. Fez também referências especiais a Magareth Mee, como uma amiga colaboradora da obra.

Em relação a esta artista inglesa, tenho na lembrança uma reunião na SOB, onde a conheci levada pelo Pabst. Na ocasião, os dois juntos conversavam e comiam um pedaço de bolo com guaraná, sentados na primeira fila das cadeiras do auditório. Antes do bolo, Dona Nezir (Diretora social da SOB) fez a gentileza de apresentar a artista ao público presente, que a aplaudiu com entusiasmo. Neste dia, alguém da SOB mostrou para a artista um dos volumes da coleção Reichenbachia (F. Sander, editor) disponível na biblioteca da SOB que folheou junto

com o Pabst. Lembro-me dela ter gostado e comentado que parecia coisa de ingleses,

Durante alguns anos assisti muitas palestras do Pabst, preleções por todos acompanhadas com interesse e aguardadas com grande expectativa. Não sem motivos, associado a uma modéstia fora do comum, o senhor Pabst tinha uma invulgar capacidade intelectual, toda transmitida sem segregação ou manifestação de soberba. Em tom baixo, mas entusiástico, falava calmo sem hesitação sobre temas variados, atendendo com educação e simpatias as perguntas mais impertinazes ou sem sentido (a grande maioria), deixando sempre o público à vontade diante de sua majestosa grandeza. Muitas vezes, ainda ilustrava as respostas com informações adicionais, além do inquirido pelos solicitantes, numa postura de lealdade intelectual. Esta era uma marca inviolável do Pabst, sempre dedicado, delicado e sincero ao público presente. Muitos orquidófilos só iam a SOB para lhe mostrar plantas à identificação, o que fazia sempre com atenção e deferência aos orquidófilos aflitos. Não raro, pedia amostras ao solicitante para a coleção do herbário. Na grande maioria das vezes, levava as amostras para o herbário, para posterior e segura identificação, deixando os leigos encantados com tal acuidade científica.

Lembro-me que levou de mim uma *Brassavola revoluta*, coletada às margens da lagoa feia, cuja identificação levou algum tempo, pois foi necessário à comparação com amostras depositadas no herbário. Depois de identificar, o Pabst ainda pediu uma planta para herborizar, pois até então

o herbário só dispunha de flores e não de outras partes vegetativas na coleção. Nas reuniões da SBO quase sempre uma discreta fila de orquidófilos consulentes se fazia à sua volta, à procura de identificação de plantas. Uma vez, o próprio Pabst me comentou que eram raras as visitas ao herbário bradeano, mas que à SOB todos iam em profusão, um fato que o deixava prazeroso em participar das reuniões mensais.

Sem dúvidas, a presença de Pabst na SOB foi um catalizador para muitos orquidófilos e orquidólogos futuros, que por lá iam mais à procura da sabedoria e simpatia do mestre do que propriamente de orquídeas.

Em tais reuniões da SOB quando não se tinha nada agendado, o presidente da época (Senhor Lema) pedia ao Pabst para quebrar o galho, quando todos se sentiam, mas que recompensados pelas improvisações do mestre. Com a maior facilidade e segurança falava sobre os mais diversos temas, tratando de aspectos taxonômicos, curiosidades da família botânica, sobre anatomia floral, em uma improvisação organizada e feliz. Na verdade, não eram improvisações, mas sermões botânicos.

Apesar de trabalhar e morar fora do Rio de Janeiro, incomum eram as ausências do Pabst à SOB. A sua ausência consternava a todos, causando um sentimento de perda de tempo e frustração.

A estrela da festa era ele, não as orquídeas!

Também levados por Pabst, lá conheci o artista Samuel Salvado e o bromeliólogo Edmundo Pereira, seu colega do herbário bradeano. A ida de personalidades à SOB levada por ele,

foi uma de suas atividades mais participativas, creio que uma preocupação pessoal que tinha com a formação cultural da sociedade que o acolhia prazerosamente. Um exemplo maior de civilidade.

O Guido Pabst sempre foi um elo de ligação entre orquidófilos e orquidólogos, uma liderança incontestada em ambos os lados.

A grande capacidade intelectual do Pabst, reconhecida internacional-



*Pabstia jugosa*. Foto Etelvino Rodrigues

mente, fê-lo revisor de várias coleções européias, como a do Royal Botanical Garden (Kew), do Museu de História Natural de Paris e do Botanische Staatssammlung de Munique, Alem disso, revisou as orquídeas brasileiras depositadas no Oak Ames Orchid Herbarium da Universidade de Harvard (Cambridge) e do museu nacional dos Estados Unidos da América. Também revisou a coleção de orquídeas do herbário de Regnell, a ele remetido de Estocolmo. Várias outras coleções de instituições nacionais e estrangeiras contaram com a sua ajuda.

Em reconhecimento, foi feito membro da Academia Brasileira de Ciências, da Linnean Society Of London, da Organização Flora Neotropica. Por suas atividades profissionais na vida civil (Direto da VARIG), foi honrado com a ordem do mérito aeronáutico, no grau de cavaleiro e foi homenageado com a medalha D. João VI. Durante o sesqui-centenário em homenagem à independência do Brasil.

Pode-se ainda destacar a sua participação como sócio de diversas instituições nacionais e internacionais, como a International Association for Plant Taxonomists, a Sociedade Botânica do Brasil, sócio da American Fern Society, da Sociedade Botânica do México, da Sociedade Brasileira de Orquidófilos, da Sociedade Paranaense de Orquidófilos, da American Orchid Society, da Asociación Colombiana de Orquidología, da asociación Mexicana de Orquidología, do Circulo Paulista de Orquidófilos, da Cactus and Succulent Society of América, da Deutsche Orchid Engesellschaft e da Orchid Society of England.

Foi também homenageado por botânicos que a ele dedicaram dois gêneros da família das orquídeas, *Pabstia* Garay (1973) e *Pabstiella* Brieg. & Seng. (1975).

Entre muitas de suas atividades institucionais, fundou em 1958 o Herbário Bradeanum apoiado por diversos botânicos, sendo desde então diretor vitalício da instituição e editor permanente do Boletim desta instituição, a revista Bradea. A ele também foi dedicado o Herbário Guido Pabst si-



tuado em Carangola, MG.

Ainda em vida, Guido Pabst esperava reunir orquidófilos e orquidólogos, um grupo a fim de estudar temas voltados às orquídeas, um embrião futuro interdisciplinar. Infelizmente, o mestre morreu antes de ver o seu grupo integralmente formado e consolidado. Alguns trabalhos agendados foram realizados e apresentados no Primeiro Encontro de Orquidófilos e Orquidólogos, em setembro de 1980, alguns meses depois de sua morte. Este encontro teve o Pabst como patrono, e os anais correspondentes, com trabalhos originais, foi a ele dedicado. Ao longo de sua vida científica publicou cerca de 200 trabalhos originais, dispersos em diversas revistas nacionais e internacionais. Na Revista Bradea, volume III, número 10, de 1980, há informações adicionais sobre a sua obra. Na sua formação contou com a ajuda de eminentes estudiosos da área, mas a sua inteligência, aliado a um grande talento, fê-lo um autodidata por excelência.

**Antonio Ventura Pinto. UFRJ,  
C.P. postal 68035. 21944-971/  
RJVENTURA@nppn.ufr.br**